

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS PARA O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO — UM DESAFIO CONCRETIZADO?

TRAINING PRIMARY SCHOOL TEACHERS TO TEACH ENGLISH – CHALLENGE ACCOMPLISHED?

LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE INGLÉS PARA LA ENSEÑANZA DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA – ¿UN RETO CONCRETIZADO?

Carla Ravasco (c.ravasco@ipg.pt)*

Florbela Rodrigues (florbela.rodrigues@ipg.pt)**

Rosa Figueiredo (rbranca@ipg.pt)***

RESUMO

O mundo globalizado obriga a que todos saibam falar línguas estrangeiras cada vez mais cedo. Em 2003, 16 dos 28 países da União Europeia anteciparam o início da aprendizagem de uma língua estrangeira. Em 2015, pôde verificar-se que a idade média para esta aprendizagem rondava os 6/8 anos (Eurydice, 2017). Portugal não é exceção à regra, querendo estar a par dos seus parceiros, estados membros, da União Europeia. Porém, para introduzir o ensino do inglês de forma generalizada no 1.º ciclo do Ensino Básico, o Ministério da Educação vê-se confrontado com uma nova realidade educativa: formar professores de inglês para lecionar nesse ciclo de estudos. A partir de 2016, só através de um mestrado em ensino é possível adquirir habilitação profissional para a docência do novo grupo de recrutamento criado, o grupo 120, destinado a professores de inglês no 1.º ciclo do Ensino Básico. Sendo uma formação muito recente e tendo funcionado apenas uma vez na instituição de Ensino Superior à qual pertencemos — Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda — interessa-nos aferir se os estudantes que frequentaram esta formação a consideram essencial para lecionar inglês no 1.º ciclo do Ensino Básico. Para responder a esta pergunta, realizou-se um estudo de caso, questionando quatro estudantes do mestrado em Ensino do Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico da nossa instituição no final da sua formação.

Palavras Chave: ensino do inglês no 1.º CEB, formação de professores, ensino precoce de línguas estrangeiras.

ABSTRACT

A globalized world implies that everyone can learn foreign languages at an even earlier age. In 2003, 16 out of the 28 countries in the European Union started learning a foreign language at a younger age. In 2015, the average age to start this process was around 6/8 years old (Eurydice, 2017). Portugal is no exception as it wants to keep up with its European partners. However, to introduce the teaching of English as a foreign language in primary schools, the Portuguese Ministry of Education faced a new educational reality: to train English teachers so they can teach at this level. Since 2016, a Master's

degree has been the only way to acquire professional qualification for teaching within the newly created recruitment group, group 120, intended for primary school teachers of English. As this is a very recent course which has functioned only once in our institution, the School of Education, Communication and Sports at Guarda Polytechnic Institute, we are interested in assessing whether students consider it essential for teaching English at the primary school level. With this objective in mind, a case study was implemented, by questioning our students at the end of their training.

Keywords: teaching english in primary school, teacher training, teaching foreign languages to young learners.

RESUMEN

El mundo globalizado obliga a que todos sepan hablar idiomas, lenguas extranjeras cada vez más temprano. En 2003, 16 de los 28 países de la Unión Europea anticiparon el inicio del aprendizaje de una lengua. En 2015, la edad media para este aprendizaje era a los 6/8 años (Eurydice, 2017). Portugal no es una excepción, pues quiere estar al nivel de sus compañeros, estados miembros, de la unión europea. Todavía, para introducir la enseñanza del inglés de modo generalizado en la educación primaria, el Ministerio de la Educación se enfrenta a una nueva realidad educativa: formar profesores de inglés para ejercitar en este nivel de estudios. A partir de 2016, solo con un master en enseñanza es posible adquirir la habilitación profesional para la docencia del nuevo grupo de reclutamiento, el grupo 120, destinado a los profesores de inglés en la educación primaria. Siendo una formación muy reciente y habiendo funcionado solo una vez en la institución en la cual pertenecemos — Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda — nos interesa inferir si los estudiantes que frecuentan esa formación la consideran esencial para enseñar en la educación primaria. Con este objetivo, se realizó un estudio de caso, encuestando a los estudiantes de nuestra institución al final de su formación.

Palabras clave: enseñanza del inglés en la educación primaria, formación de profesores, enseñanza de lenguas extranjeras en edades tempranas.

* Professora Adjunta da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto — Instituto Politécnico da Guarda /Investigadora da UDI.

** Professora Adjunta da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto — Instituto Politécnico da Guarda /Investigadora da UDI/ CIDEI.

*** Professora Adjunta da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto — Instituto Politécnico da Guarda /Investigadora da UDI.

Submitted: 17th February 2019

Accepted: 13th January 2020

INTRODUÇÃO

Nos domínios da educação e da formação, a aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras tem sido uma ação e preocupação constantes no sentido de sensibilizar para a importância e a riqueza cultural do conhecimento das línguas, seja por razões de compreensão motivadas por interesses profissionais ou de desenvolvimento pessoal, seja de abertura aos outros.

No contexto das mudanças no ensino do inglês no 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB) em Portugal e tendo em vista as novas oportunidades que as mesmas irão proporcionar, o ensino de línguas estrangeiras adquire um significado ainda maior, considerando que poderá facilitar contextos comunicacionais bem-sucedidos. Um bom desempenho linguístico por si só, porém, sem uma consciência cultural não garante esse sucesso. O programa de Plurilinguismo e Multiculturalismo (QECR, 2001) foi criado para preencher essa lacuna e para propor uma forma de integrar o ensino da língua e da cultura, bem como para dar aos alunos um amplo conhecimento sobre o que os conceitos plurilinguismo e multiculturalismo significam, neste mundo globalizado. Entende-se, assim, que a língua é parte de uma cultura e, para participar significativamente num contexto multicultural, é preciso possuir conhecimentos, bem como competências de comunicação intercultural. Este programa promove um novo entendimento acerca dos conceitos de plurilinguismo e multiculturalidade, particularmente quanto à forma como se selecionam e ensinam os conteúdos a integrar, conteúdos esses que não pretendem fornecer apenas informação, mas despertar uma consciência intercultural (CNE, 2013; Abdallah-Pretceill, 1996; Coste, 1997).

As línguas são, ainda, vetores e espelhos das nossas experiências, sistemas de valores, códigos sociais, dos nossos contextos culturais e intelectuais, da forma como nos relacionamos com o outro, tanto no plano coletivo como individual. A diversidade linguística e cultural no contexto de um mundo globalizado vai permitir uma comunicação mais efetiva entre diversos grupos e apresentar perspectivas mais híbridas do inglês enquanto língua franca, revelando formas complexas de interação, em que a língua e a identidade de um povo se influenciam reciprocamente, do mesmo modo que os falantes utilizam formas herdadas de linguagem para novas finalidades e contextos culturais (Wallerstein, 1991; Byram, 1997).

Parece-nos, pois, importante que os nossos alunos apostem na formação em língua inglesa, uma vez que muitas comunidades linguísticas se encontram, hoje, dispersas por diferentes países, incluindo Portugal, como consequência das migrações, da deslocação de refugiados e da mobilidade profissional, cada vez mais uma realidade, em consequência da globalização. Os profissionais formados na área do ensino do inglês no 1.º CEB podem proporcionar às segundas gerações dos cidadãos dos grupos acima referidos um vínculo entre língua e lugar, um esquema de comunicação que apresente uma variedade de mudanças de códigos linguísticos e a aquisição de capacidades de compreensão e expressão num idioma entendido por grande parte dos falantes.

Tendo por base a introdução e a obrigatoriedade do ensino do inglês no 1.º CEB, com a consequente exigência da formação de professores habilitados para a docência desta língua estrangeira neste ciclo de estudos, o presente artigo tem por objetivo principal aferir o grau de satisfação dos 4 estudantes que concluíram a primeira edição do Mestrado em Ensino do Inglês no 1.º CEB, na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto (ESECD) do Instituto Politécnico da Guarda (IPG), aplicando-lhes um inquérito por questionário validado.

Na sequência desta problemática, e porque Portugal pertence à União Europeia, este estudo propõe-se, igualmente, descrever, de modo muito sucinto, o panorama do ensino do inglês a nível primário na Europa, comparando-o com a realidade portuguesa e com a formação de

professores em Portugal a este nível. Esta primeira fase da investigação pretende servir de base para um estudo mais aprofundado, englobando, numa segunda etapa, os estudantes das outras instituições de ensino superior público onde é (ou porventura onde já foi) lecionado este mestrado.

1. O ENSINO DO INGLÊS

A aprendizagem das línguas fornece aos alunos uma ferramenta imprescindível para competir com os colegas estrangeiros, podendo ser um ponto crucial que marca a diferença no currículo de qualquer um. Os alunos que dominam línguas estrangeiras podem tornar-se mais qualificados e igualar o nível competitivo dos alunos estrangeiros, conseguindo assim ultrapassar barreiras e conhecer o mundo. O inglês, por ser a língua internacional dos estudos, das finanças, da comunicação mundial é a língua que se deve aprender para poder trabalhar, negociar e estudar no mundo globalizado.

1.1. O ensino do inglês no ensino primário na Europa

A 12 de maio de 2009, numa reunião em torno do quadro estratégico para a cooperação europeia no domínio da educação e da formação, o Conselho Europeu informou que, na Europa, o ensino das línguas estrangeiras se inicia cada vez mais cedo, seguindo as recomendações do Conselho Europeu (2002) que evocavam já a importância de manter esforços no sentido de “de melhorar a aprendizagem das línguas e apelaram à prossecução da acção com vista a desenvolver o domínio das competências de base, nomeadamente através do ensino de, pelo menos, duas línguas estrangeiras desde a mais tenra idade” (Comunidades Europeias, 2004, p.10). O relatório *Key Data on Teaching Languages at School in Europe* (2012) confirma a diminuição da idade dos alunos que iniciam a aprendizagem de uma língua estrangeira, mas acrescenta que a carga horária desta disciplina tem-se mantido, ficando aquém das horas atribuídas às outras disciplinas. Por sua vez, o último relatório *Key Data on Teaching Languages at School in Europe* (2017) atualiza os dados, afirmando que presentemente existe obrigatoriedade no ensino de uma língua estrangeira no ensino primário, sendo que alguns países optam pelos 6/7 anos para iniciar esta aprendizagem, enquanto outros esperam pelos 8/9 anos. Realça-se também o facto de que três sistemas educativos introduzem o ensino de uma língua estrangeira de modo obrigatório a partir da educação pré-escolar (Polónia, Chipre e Bélgica). Em relação ao *ranking* das línguas estrangeiras mais ensinadas, o inglês destaca-se, ocupando o primeiro lugar, o francês posiciona-se em segundo lugar, seguido do alemão em terceiro e do espanhol em quarto (Eurydice, 2017).

1.2. O ensino do inglês no 1.º CEB em Portugal

Em 2005, o Despacho n.º 1473/2005 de 5 de julho aprova o programa de generalização do ensino de inglês no 1.º, sendo por esta razão documento impulsionador do ensino da língua inglesa a este nível. No entanto era apenas obrigatório oferecer a possibilidade aos alunos dos 3.º e 4.º anos de frequentarem as aulas de inglês de modo gratuito e facultativo. Ficou, deste modo, entregue à iniciativa das escolas a decisão de assegurar esta oferta educativa no 1.º CEB e a forma de a concretizar, como oferta complementar ou como atividade de enriquecimento

curricular. Anteriormente, já havia escolas que ofereciam a possibilidade de frequentar aulas de Língua Estrangeira (LE) como oferta complementar, ~~então~~ daí que a integração da LE como atividade de enriquecimento curricular venha completar o que estava a ser implementado. Assim, em setembro de 2005 é publicado o Programa de Generalização do Ensino do Inglês no 1.º CEB, bem como a documentação de apoio, a saber as Orientações Pragmáticas e Materiais para o Ensino e a Aprendizagem (Bento et al., 2005). Em 2014, o Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, determina a introdução da disciplina de Inglês no currículo, como disciplina obrigatória, tendo como objetivo principal fornecer aos alunos conhecimentos da língua inglesa que lhes permita ter um nível adequado desta língua estrangeira no final do 9.º ano. Esta medida visa uma equidade no ensino das línguas estrangeiras por toda a Europa, dotando os alunos portugueses das mesmas ferramentas que os colegas estrangeiros. Também se trata de repor um equilíbrio no interior do próprio país, uma vez que todos os alunos passam a ter acesso ao ensino da língua estrangeira a um nível precoce e não apenas para os alunos que podiam frequentar e custear escolas de línguas.

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS

Para lecionar, seja qual for a disciplina, é necessário preparar o docente para realizar esta árdua tarefa. Consequentemente impõe-se a formação de professores qualificados, motivados e especialistas na disciplina e no nível a que lecionam.

2.1. A formação de professores de inglês que lecionam no ensino primário na Europa

A nível europeu, as línguas estrangeiras no 1.º CEB podem ser ministradas por professores generalistas, ou seja, pelo professor titular da turma. Neste caso, o professor do ensino primário tem ao longo da sua formação inicial que frequentar um curso que o prepara pedagógica e cientificamente para a lecionação do inglês para o 1.º CEB. Contudo, na maioria dos países europeus, os professores que lecionam a LE são considerados especialistas por estarem habilitados para lecionar, normalmente, duas disciplinas diferentes para este nível de ensino (CNE, 2013).

2.2. A formação de professores de inglês que lecionam no 1.º CEB em Portugal

Em Portugal, o professor titular da turma não tem formação específica em inglês. Assim, a promoção da formação de professores de inglês para o 1.º ciclo do ensino básico visa formar professores especialistas para responder da forma mais adequada ao desafio lançado pela União Europeia.

Para introduzir o ensino do inglês de forma generalizada no 1.º CEB, o Ministério da Educação viu-se confrontado com uma nova realidade educativa: formar professores de inglês para lecionar nesse ciclo de estudos. O Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio, aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário, permitindo que exista um momento transitório e que docentes com cursos

e/ou formações complementares consigam assegurar as aulas de inglês no 1.º CEB. Mas o perfil deste professor deve ser específico e diferente dos perfis dos professores de língua que lecionam nos 2.º e 3.º ciclos e no ensino secundário. Isto porque, para além do domínio da língua inglesa a um nível avançado (C1 ou C2), este deve conhecer e entender o mundo da criança, “interagir com ela levando-a à descoberta do conhecimento que consideramos oportuno adquirir” (Nunes, 2011, p. 48). Sendo assim, uma vez que a pedagogia utilizada tem que ser adequada ao nível etário dos alunos, o professor de inglês no 1.º CEB deve possuir uma sólida formação linguística, mas também pedagógica apropriada, que vá ao encontro das necessidades das crianças nesta faixa etária. O mais desejável, à semelhança do que acontece em vários países, seria que o professor generalista do 1.º CEB possuísse uma formação que o preparasse para lecionar também inglês aos seus alunos. Porém, esta situação obrigaria a uma reorganização da formação de todos os professores do 1.º CEB no ativo, o que, tendo em conta que a maioria está a atingir a idade da reforma, seria um investimento pouco rentável a curto prazo. A partir de 2016, optou-se por outro tipo de investimento na formação e decide-se que só através de um mestrado em ensino é que se torna possível adquirir habilitação profissional para a docência no novo grupo de recrutamento entretanto criado, o grupo 120 especificamente destinado ao ensino do inglês no 1.º CEB. Pretende-se, assim, que o ensino do inglês no ensino primário seja ministrado por um professor especialista, com habilitação profissional para a docência desta língua (Eurydice, 2005).

3. ESTUDO DE CASO

A Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda foi uma das primeiras instituições a oferecer o mestrado profissionalizante de Inglês no 1.º CEB. Na verdade, a longa tradição na formação de professores e a vasta experiência da Instituição no ensino de Inglês confluíram para a possibilidade desta oferta num curto espaço de tempo. Contudo, apesar dos recursos humanos e materiais que a instituição tem a oferecer, o peso da interioridade, por um lado, e alguns constrangimentos económicos das famílias portuguesas, por outro, resultaram numa reduzida adesão ao mestrado. Refira-se, ainda, a exigência de um número muito elevado de créditos ECTS na área do inglês como condição para admissão ao referido mestrado. Assim, embora diversos candidatos tenham variadas formações não académicas em inglês, ou em cultura e literatura inglesas, tais candidatos não puderam ser admitidos a este mestrado. Foram admitidos 7 estudantes, sendo que apenas 4 concluíram o mestrado.

Face ao exposto, foi nosso desejo conhecer o perfil dos candidatos ao Mestrado em Ensino de Inglês no 1.º CEB e o seu grau de satisfação em relação a esta formação, com o intuito de promover a qualidade da mesma.

3.1. Objetivo

Como referido, interessa-nos conhecer o perfil dos candidatos, identificando as suas idades, género, eventual experiência no ensino de Inglês e formação inicial. Para além disso, numa perspetiva pedagógica e de melhoria da nossa oferta formativa, questionámos os inquiridos relativamente ao seu grau de satisfação quanto a várias áreas, conteúdos e competências adquiridos ao longo da formação em causa.

3.2. Metodologia

De forma a obtermos as respostas às nossas questões, construímos um questionário composto por 12 perguntas, sendo 11 delas de resposta fechada e apenas uma (opcional) de resposta aberta (Anexo I).

Algumas das questões de resposta fechada propunham uma resposta sob forma de escala (de 1 a 5) para que o seu tratamento fosse mais objetivo e passível de comparação.

Os questionários eram anónimos e foram disponibilizados através de um documento *Word* editável. Este instrumento permitiu medir o grau de satisfação, sendo que os resultados obtidos representam o *feedback* dos estudantes e transmitem a informação necessária à entidade formadora para que esta possa tomar consciência dos problemas apontados e fazer as alterações necessárias com o objetivo de melhorar a formação existente.

3.3. Resultados

i.) Número de inquiridos:

Foram inquiridos os 4 estudantes de mestrado que concluíram a parte curricular do mestrado, bem como a defesa do relatório de estágio.

ii.) Perfil dos inquiridos

O perfil dos nossos inquiridos é o de um professor do género feminino, com uma idade média de 37 anos de idade. Têm como formação inicial uma licenciatura numa variante de línguas, que inclui o Inglês.

iii.) Motivos da escolha do mestrado

Quando questionados acerca dos motivos pelos quais escolheram o Mestrado em Ensino de Inglês no 1.º CEB, apresentaram razões variadas, como a possibilidade de concorrer a outro grupo de recrutamento (que não aquele para o qual a sua licenciatura já os habilitava), progressão na carreira (através da obtenção do grau de Mestre) e realização pessoal.

iv.) Experiência profissional anterior

A experiência profissional anterior quanto à lecionação de inglês era diferenciada:

- Alguns estudantes indicaram experiência nos grupos de recrutamento 330 e 220
- Outros apontaram a experiência docente no ensino privado (em colégios de línguas) e nas AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular), áreas que, por norma, implicam o contacto com crianças em idades semelhantes às dos alunos do 1.º CEB.

v.) Satisfação com a formação

Os inquiridos foram sondados relativamente ao seu grau de satisfação com a formação que lhes foi ministrada. Perguntámos-lhes em que medida a formação contribuiu para a aquisição de novas competências científicas e pedagógicas, sendo que 25% dos

inquiridos responderam que contribuiu bastante (4 na escala de 1 a 5), tendo a maioria 75% respondido que contribuiu plenamente (5 na escala de 1 a 5).

Quanto ao grau de satisfação em relação ao plano de estudos da formação, os resultados são muito positivos, com 25% a responder que ficaram bastante satisfeitos com o plano e 75% a confirmar que ficaram plenamente satisfeitos.

Os inquiridos foram também questionados quanto à sua satisfação relativamente às componentes teórica e prática do plano de estudos do curso do mestrado em causa:

- Quanto à componente teórica, as respostas mostram bastante satisfação por parte de 25% dos inquiridos e satisfação plena por parte de 75%.
- Já na componente prática, os resultados são mais díspares, com 25% de respostas indicadoras de satisfação, 50% de bastante satisfação e um 25% de satisfação plena.

Houve unanimidade de respostas afirmativas relativamente à questão “Considera todas as Unidades Curriculares ministradas indispensáveis ao mestrado?”.

Por sua vez, o grau de satisfação em relação aos conteúdos das unidades curriculares ministradas na formação aponta para 75% dos inquiridos bastante satisfeitos e 25% plenamente satisfeitos.

vi.) Avaliação global da formação

A última questão fechada do questionário solicitava a avaliação do balanço geral da formação. Também aqui houve diferenças de opinião, com 25% dos inquiridos a responder bastante satisfeitos e 75% plenamente satisfeitos.

vii.) Considerações relevantes sobre a formação

O questionário terminava com a única pergunta de resposta aberta que era opcional. Solicitava-se aos inquiridos que acrescentassem alguma informação considerada relevante para este questionário. Não foi registada nenhuma observação.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

No global, os estudantes revelaram-se muito satisfeitos em relação a este curso de Mestrado em Ensino de Inglês no 1.º CEB. De facto, um professor de inglês que leciona numa escola primária precisa, para além dos conhecimentos linguísticos, de uma pedagogia específica e adaptada ao nível de ensino em causa. O processo de ensino/aprendizagem precoce de uma língua estrangeira deve obedecer a uma série de critérios, o que reforça, uma vez mais, a ideia de que o professor de inglês do 1.º CEB deve possuir uma formação habilitadora para a docência a este nível, porque só assim é possível garantir o êxito do ensino por parte do profissional e da aprendizagem por parte do aluno. Pensando na realidade do ensino precoce da língua inglesa em contexto de sala de aula, importa valorizar a relação profissional entre o professor titular da turma e o professor de inglês, de modo a permitir um bom entendimento quanto à pedagogia a adotar e aos temas a abordar. Importa igualmente integrar o professor de inglês na equipa dos professores da escola primária em causa, levando-o a participar ativamente em todas as atividades proporcionadas pela escola. Conforme previsto nas orientações programáticas, deve existir uma continuidade e uma interligação entre o ensino do inglês no 1.º ciclo e o ensino do inglês nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino

secundário, o que obriga a uma reorganização dos programas curriculares, de forma a manter a tão desejada sequência de nível para nível. Por outro lado, o ensino da língua deve avançar lado a lado com o ensino da cultura, de valores, de atitudes, de respeito pelo outro, de tolerância, de justiça e harmonia. Para que todos estes parâmetros sejam contemplados no processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira desde o 1.º CEB, o professor que leciona neste nível de ensino necessita de uma formação específica, apropriada e adequada à faixa etária em questão. Sendo assim, torna-se imprescindível formar professores de língua estrangeira com habilitação profissional para a docência a nível primário, para que o ensino do inglês não se limite à transmissão de conteúdos linguísticos, mas igualmente contemple, de modo adequado e adaptado ao nível etário em causa, as vertentes cultural, social e humana. Só assim se conseguirão dotar os alunos portugueses das ferramentas linguísticas necessárias para se tornarem cidadãos competitivos neste mundo globalizado.

BIBLIOGRAFIA

- Abdallah-Pretceill, M. (1996). *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Anthropos.
- Bento, C et al. (2005). *Programa de Generalização do Ensino de Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Byram, M. (1997). *Developing Intercultural Communicative Competence in Foreign Language Teaching: curriculum planning and policy*. Graz: Council of Europe.
- Comissão Europeia. (2012). *As crianças na Europa iniciam a aprendizagem de uma língua estrangeira numa idade cada vez mais precoce*. Bruxelas, Bélgica. Disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_IP-12-990_pt.htm, consultado em 26/09/2018.
- Comunidades Europeias. (2004). *Promover a aprendizagem das línguas e a diversidade linguística Plano de acção 2004-2006*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Conselho Nacional de Educação. (2013). *RELATÓRIO / Integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: CNE.
- Coste, D.; Moore, D.D e Zarate, G. (1997). *Compétence Plurilingue et Pluriculturelle*. Strasbourg: Conseil de l'Europe.
- Decreto-Lei n.º 79/2014. Diário da República n.º 92/2014, Série I de 14 de maio de 2014 de 14 de maio, pp. 2819-2828.
- Decreto-Lei n.º 176/2014. Diário da República n.º 240/2014, Série I de 12 de dezembro de 2014, pp. 6064-6068.
- De Jong, W. (1996). *Open Frontiers: Teaching English in an intercultural context*. Heineman: ELT.
- Despacho n.º 14.753/2005, de 5 de julho (Programa de generalização do ensino de Inglês nos 3.º e 4.º anos do 1.º ciclo do ensino básico).
- Dodd, P. (1986). Englishness and the national culture. In R. Colts e P. Dodd (orgs.), *Englishness: Politics and Culture* (pp. 1880-1920). Londres: Croom Helm.
- Eurydice. (2005). *Números-chave do ensino das línguas na escola na Europa*. Disponível em: http://www.eurydice.org/Doc_intermediaires/indicators/fr/frameset_key_data.html, consultado em 12/10/2018.
- Eurydice. (2012). *Key Data on Teaching Languages at School in Europe*. Disponível em: <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/26d366d8-031d-472c-bec6-81c8d258ce58/language-en/format-PDF>, consultado em 10/10/2018.

Eurydice. (2017). *Key Data on Teaching Languages at School in Europe*. Disponível em: <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/73ac5ebd-473e-11e7-aea8-01aa75ed71a1/language-en/format-PDF>, consultado em 9/10/2018.

Hall, S. (1990). Cultural identity and Diaspora. In J. Rutherford (org.), *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart.

Nunes, L. (2011). *A Formação de Professores de Inglês para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade da Beira Interior.

QECR. (2001). *Quadro de referência para as línguas Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.

Robins, K. (1991). Tradition and translation: national culture in its global context. In J. Corner & S. Harvey (orgs.), *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. Londres: Routledge.

Souta, L. (1997). *Multiculturalidade e Educação*. Porto, Profedições.

Wallerstein, I. (1991). The national and the universal. In A. King (org.), *Culture, Globalization and the World System*. Londres: Macmillan.

ANEXO I

Este questionário constitui o instrumento de recolha de dados para um estudo. A informação recolhida neste questionário **é anónima**. Sendo o Mestrado Habilitador ao grupo de recrutamento 120 uma formação muito recente e tendo funcionado apenas uma vez na instituição superior à qual pertencemos — Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto — Instituto Politécnico da Guarda — interessa-nos aferir se os estudantes que frequentaram essa formação a consideram essencial para lecionar inglês no 1º ciclo do ensino básico

1. Idade Clique aqui para introduzir texto.

2. Género Feminino ☐ Masculino ☐

3. Indique o grau de estudos adquirido antes de frequentar esta formação

Clique aqui para introduzir texto.

4. Indique o motivo pelo qual escolheu o mestrado em Ensino de Inglês do 1º CEB

- Possibilidade de concorrer a outro grupo de recrutamento ☐
- Progressão na carreira ☐
- Realização pessoal ☐
- Outro, qual? Clique aqui para introduzir texto.

5. Já tinha experiência a lecionar Inglês? Sim ☐ Não ☐

5.1. Se respondeu afirmativamente à pergunta 5 (cinco), indique se foi:

- Grupo de recrutamento ☐ Qual? Clique aqui para introduzir texto.
- Ensino privado ☐
- AEC ☐
- Outro ☐

5.2. Se respondeu afirmativamente à pergunta 5 (cinco), indique em que medida esta formação contribuiu para a aquisição de novas competências científicas e pedagógicas:

a. Escolha de 1 (irrelevante) a 5 (contribuiu plenamente)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

6. Qual o seu grau de satisfação em relação ao plano de estudo da sua formação:

a. Escolha de 1 (não satisfeito) a 5 (plenamente satisfeito)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

7. Qual o seu grau de satisfação em relação à sua formação teórica:

a. Escolha de 1 (não satisfeito) a 5 (plenamente satisfeito)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

8. Qual o seu grau de satisfação em relação à sua formação prática:

a. Escolha de 1 (não satisfeito) a 5 (plenamente satisfeito)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

9 . Considera todas as UC ministradas indispensáveis ao mestrado:

Sim ☐ Não ☐ **Qual ou quais?** Clique aqui para introduzir texto.

10. Qual o seu grau de satisfação em relação aos conteúdos das UC ministradas na sua formação:

a. Escolha de 1 (não satisfeito) a 5 (plenamente satisfeito)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

11. Que balanço geral faz da formação frequentada:

a. Escolha de 1 (não satisfeito) a 5 (plenamente satisfeito)

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

12. Acrescente alguma informação que considere relevante para este questionário.

Clique aqui para introduzir texto.

Muito obrigada pela colaboração